

## A ARTE DE ROTEIRIZAR

**Tiago Rocha de Jesus<sup>1</sup>; Nadia Virginia Barbosa<sup>2</sup>; Elaine Cristina Matos da Paixão<sup>3</sup>**

1. Bolsista FAPESB, Graduando em Licenciatura em Letras com Inglês,  
Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: thyago\_shmytt@hotmail.com

2. Orientadora, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia,  
Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: nadiavisual@yahoo.com.br

3. Participante do projeto Laboratório de Pesquisa-ação em Audiovisual da UEFS, Departamento de  
Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lanecr3@bol.com.br

**PALAVRAS-CHAVE:** Roteiro, Cinema, Produção.

### INTRODUÇÃO

O avanço das novas tecnologias e conseqüentemente os seus meios de veiculação influenciaram intensamente na maneira do homem observar e se manifestar. As artes visuais, por sua vez, passaram a criar novas práticas e valores, estabelecendo um contínuo processo de transformação social. Nesse contexto, a possibilidade de fazer/produzir trabalhos artísticos alcançou patamares altíssimos, o que inspirou o surgimento de novos artistas e apreciadores da arte.

A linguagem audiovisual oferece a viabilização da transmissão de um multifacetado viés de informações sob os mais variados âmbitos e gêneros, permitindo muito mais que apenas olhar imagens, mas produzi-las visando à criação de novas mensagens e significados, e é justamente nesse ponto que o objetivo dessa pesquisa se fundamenta, no roteiro, pois ele é a forma mais primitiva da significação da obra cinematográfica, como dizia Carrière (1995) ele é o sonho de um filme, nele encontram-se as aspirações e caminhos aos quais o filme deverá percorrer, embora seja constantemente esquecido quando o processo de metamorfose fílmica estiver concluído.

O sucesso de qualquer filme inicia-se na elaboração de um roteiro que funcione de acordo com os recursos disponíveis para sua produção, mesmo não sendo esse o fator fundamental para o seu êxito, contudo o seu estágio de construção nada mais é que uma pesquisa minuciosa da “realidade” seja ela fictícia ou documental, segundo Araújo (1995, p. 33) “O real que o cinema reconstitui através da projeção faz parte, ao mesmo tempo, do universo das nossas representações mentais (simbolismo) e do mundo real”. Desse modo, compreende-se o papel do roteirista como o responsável por visualizar e transcrever por meio de palavras o objeto criado em sua imaginação estabelecendo um paralelo com o seu mundo interno em contato com o externo, além de configurar-se em forma de narração imagética, onde o enredo deve seguir um padrão narrativo coeso e coerente, possibilitando a compreensão da mensagem vinculada. Mas onde esconde-se a eficácia de um bom roteiro? É na sua estrutura narrativa ou na temática que se encontra o seu valor? Foi pensando nesses questionamentos pouco discutidos na universidade e que levantam um enorme emaranhado de possibilidades de pesquisa, que proponho uma análise da “roteirização” de peças audiovisuais, os seus processos de configuração, principais teorias e as diferentes concepções do fazer cinema, cinema arte e não apenas produto de comercialização.

### METODOLOGIA

Tomando por base a própria metodologia do projeto Laboratório de Pesquisa-Ação em Audiovisual da UEFS, no qual esta pesquisa está inserida, a proposta aqui é fundamentada numa aplicação imediata dos resultados alcançados, visando o desenvolvimento teórico/prático dos assuntos estudados.

Embora seja a arte cinematográfica uma das maiores fontes de entretenimento e difusão cultural, encontrar trabalhos teóricos nessa área do conhecimento é uma tarefa que custa certo esforço, principalmente tratando-se de roteirização, ao menos nas bibliotecas feirenses, pois como já foi dito, não existe interesse em divulgar o texto audiovisual uma vez que o processo de construção do filme está finalizado, dessa maneira o contato como esse tipo de linguagem se torna bastante inacessível.

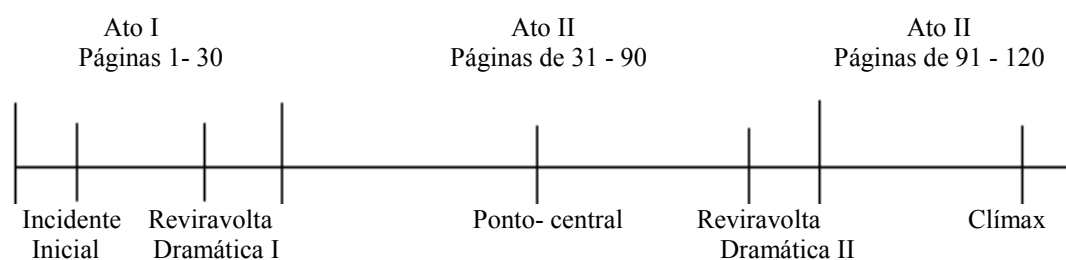
Nessa perspectiva, foi com o auxílio da internet e a gama de informações nela veiculada que essa investigação começou a se configurar apontando caminhos e possíveis enfoques, além de trazer referências bibliográficas que serão imprescindíveis para os resultados teóricos/práticos. É importante também ressaltar que na fase inicial do processo de levantamento de dados as análises dos roteiros *Cidade de Deus* (2002) escrito por Bráulio Mantovani, produção brasileira, *Sete Vidas* (2008) por Grant Nieportee e *O Lutador* (2008) de Robert D. Siegel, ambos norte americanos, caracterizados como drama, trazem o percurso de personagens de histórias marcantes e eventos trágicos em suas vidas. O estudo dessas produções foram uma excelente fonte de pesquisa quanto ao desenvolvimento emocional e resolução de conflitos no enredo, possibilitando desse modo uma comparação analítica referente aos manuais de roteiro baseados em três atos e eventualmente a quebra dos mesmos. Após esse apanhado textual cinematográfico, a segunda etapa da pesquisa baseou-se na visualização desses textos no próprio filme com o intuito de perceber as influências internas do texto audiovisual nos elementos dispostos na tela. Diversos Argumentos e sinopses também tiveram um papel importante, ao passo que constituem parte do processo de construção do roteiro, tendo como foco a visualização das diferenças e semelhanças nos métodos de roteirização utilizados no cinema moderno.

## DISCUSSÃO

O papel da arte é produzir um genuíno encantamento em seus admiradores movido pela sincera intenção do artista em manifestar-se por meios das mais diversas linguagens, no entanto, a indústria cultural tem seduzido e adulterado os antigos valores que giravam em torno da produção artística. Em particular a indústria cinematográfica, que nos últimos anos deu saltos estrondosos no que diz respeito à arrecadação de capital, despertando a necessidade de produzir o que se vende mais e não o que possui um valor artístico relevante. Nesse panorama de arte/comércio, destaca-se Hollywood, que domina o cenário mundial de filmes, consolidando cada vez mais sua fórmula “mágica” de um cinema que faz dinheiro, salvo exceções de cineastas comprometidos com a qualidade artística da sétima arte. Para isso lança mão de estudos detalhados sobre a influência dos elementos audiovisuais na audiência e a sua possível resposta a esses estímulos. A maneira de roteirizar dos americanos tão difundida no mundo tornou-se um padrão excessivamente reproduzido em vários países de tal modo que ir de encontro a esses padrões significa uma tentativa perigosa pensando em termos de sucesso de bilheteria, por isso muitos tem concebido o modelo Hollywoodiano abrindo mão de produzirem filmes que tragam uma identidade nacional. É importante dizer que muitas produções brasileiras têm se aproximado dessa cultura. O combate ao poderio americano desencadeou no surgimento de movimentos cinematográficos alternativos estabelecendo uma nova possibilidade de divulgação de um novo cinema, dando um salto na concepção do filme e seu desenvolvimento, a exemplo de um dos mais polêmicos diretores da atualidade, Lars Von Trier com o filme *Dogville* (2003).

Retornando à análise da estrutura do roteiro para Field (1995, p. 17) ela “é a espinha, o esqueleto que mantém tudo coeso”, e a coesão é um elemento valioso no enredo, independente da ordem cronológica, toda história tem um início, meio e fim e a maneira como esse caminho se desenvolve é que trará um resultado satisfatório ou não na conclusão do

roteiro, por isso para auxiliar na construção do texto, muitos roteiristas seguem a concepção de três atos introduzidos pela Poética de Aristóteles. Onde em termos dramáticos, o primeiro ato deve mostrar quem são as pessoas e qual a situação da história toda. No segundo ato a progressão dessa situação para um ponto culminante de conflito e grandes problemas será desenvolvida. E no terceiro ato teremos a solução dos conflitos e problemas. Embora pareça simples a distinção entre os estágios do filme, tudo tem que acontecer de forma bastante natural e progressiva, pois o cinema não age como o teatro onde as cortinas podem se fechar denotando o final de um ato e conseqüentemente o início de um novo. É preciso ser gradiente para não instaurar na audiência aquele sentimento de “já acabou?”, o que é tão comum em muitos desses clichês americanos que estamos enfadados a ver. Na tentativa de solucionar essa problemática Syd Field estabeleceu um novo elemento a essa transposição de um ato para o outro conhecido como reviravolta dramática, em inglês *plot point*, um evento que auxiliará o enredo a justificar um determinado conflito ao qual os personagens serão introduzidos, para Eisenstein (1990) a arte é sempre conflito. Se existe uma peça essencial capaz de segurar a atenção do espectador, é o conflito, pois ele move e sustenta a representação dramática a que o filme está se referindo, é o que diz Field (2001, p. 5) “Todo drama é conflito. Sem conflito não há personagem; sem personagem, não há ação; sem ação, não há história; e sem história, não há roteiro”. Desse modo, se esse recurso for bem distribuído na trama os personagens se desenvolverão num tempo aceitável, ou melhor, concebível num contexto “realístico”. Concluindo com o raciocínio de Saraiva (2004, p. 61). “Assim, as relações entre personagens se dão de maneira casual, tudo sendo consequência de algo anterior e convergindo para um mesmo fim”. O esquema abaixo exemplifica a elaboração de um enredo mediante a teoria dos três atos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conta da latente invisibilidade do roteiro referente ao mesmo público que o acompanhará nas telas do cinema dissolvido em meio aos elementos audiovisuais que compõem o filme, fica visível a importância de analisar os seus processos de construção e desenvolvimento, pois constituem-se uma fonte rica em informações e significados, não apenas para os profissionais do cinema que o dissecarão numa pesquisa direcionada a intenções técnicas, como o ator para a sua atuação, o iluminador para seus planos de luz e produtor para o levantamento de orçamento, mas para todos que se interessarem em compreender o “esqueleto” do filme, a disposição de diálogos sustentando a imagem e a questão da tradução da linguagem escrita para a imagética, enfim, um universo de alternativas de estudos e análises. E que por sinal, na atualidade já manifestam novas perspectivas simbólicas e estruturais influenciadas pelas novas formas de comunicação narrativa provenientes dos mais variados meios de comunicação, possuindo uma forte ligação aos hábitos comunicativos sociais.

Por fim, essa pesquisa nos leva a conhecer a fase atual de experimentações e inovações do padrão aristotélico de linearidade rítmica e quase matemática no enredo, onde o interesse do cinema nesse contexto, é formar um espectador que não se relacione com a obra como um

agente passivo, mas sim ativo, juntado as peças que dispostas num complexo quebra cabeça de hipóteses, sugestões e possibilidades, o compreenda de maneira única e pessoal. Sendo assim, caracterizar a linguagem audiovisual apenas como mais uma forma de comércio e entretenimento é reduzir a sua funcionalidade quanto mecanismo de incentivo e produção intelectual.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inácio. *Cinema: O mundo em movimento*. São Paulo. Scipione. 1995.
- CARRIÈRE, Jean-Claude. *A linguagem secreta do cinema*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- CHION, Michel. *O roteiro de cinema*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, 1989.
- EISENSTEIN, Sergei. *Reflexões de um cineasta*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- . *O sentido do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- FIELD, Syd. *Manual do roteiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- . *Os exercícios do roteirista*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- . *4 roteiros: uma análise de quatro inovadores clássicos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997
- GONÇALVES, Alline do Nascimento; NICÁCIO, Nathália ganzer. *Literatura e cinema na produção contemporânea*. Disponível em: [Homepage: http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos\\_r34/revista34\\_4.pdf](http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r34/revista34_4.pdf)>. Acesso em: 5 de ago. 2011.
- MARTIN , Marcel. *A linguagem cinematográfica*. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- O Lutador: The Wrestler*. EUA: Paris Films, 2008 DVD (109 min)
- Sete Vidas: Seven Pounds*. EUA: Columbia Pictures, 2008 DVD (118 min)
- Cidade de Deus*. Brasil: Miramax Films, 2002 DVD (130 min)